

PROJETO DE EXTENSÃO CINE ITINERANTE: MOSTRA “CINE TRABALHO”, FRUIÇÃO ESTÉTICA E FORMAÇÃO CRÍTICA

José Romário Cordeiro Matias¹
José Alex Soares Santos²

*O cinema é a sétima arte e haverá uma revolução
cultural no século XX, já que reuni em si mesmo,
as outras seis artes já conhecidas:
a dança, o teatro, a música,
a literatura, a pintura e a escultura.*

Ricciotto Canuto

RESUMO

O projeto de extensão Cine Itinerante integra as atividades do Laboratório Universitário de Educação Popular, Trabalho e Movimentos Sociais – LUTEMOS, da Faculdade de Educação de Itapipoca – FACEDI, unidade acadêmica da Universidade Estadual do Ceará – UECE. O estudo em foco teve como objetivo analisar a contribuição da mostra Cine Trabalho para uma formação estético-crítica do espectador ativo que acompanhou as exposições e participou dos diálogos crítico-problematizadores sobre as relações capital/trabalho, presentes nas narrativas fílmicas exibidas na mostra. Do ponto de vista metodológico trabalhamos com duas fontes de coletas de dados: debates sobre os filmes exibidos; respostas apresentadas por onze desses participantes da mostra, obtidas por meio da aplicação de questionário. Como resultados do estudo destacamos a contribuição da mostra para desenvolver nos participantes uma nova visão de mundo, com teor crítico sobre as relações capital-trabalho; caráter pedagógico e esclarecedor da metodologia adotada nas exposições que fomenta no espectador ativo uma espécie de catarse para a reflexão sobre as categorias presentes na narrativa fílmica.

Palavras-chave: Mostra Cine Trabalho. Fruição estética. Formação crítica.

¹ Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia da FACEDI/UECE. Bolsista de extensão do projeto Cine Itinerante no ano de 2012. e-mail: j.rcmatias@hotmail.com

² Professor assistente da FACEDI/UECE. Coordenador do Laboratório de Educação Popular, Trabalho e Movimentos Sociais - LUTEMOS. Coordenador do projeto de extensão Cine Itinerante - leitura de mundo por meio do cinema. Membro do Grupo de Pesquisa em Gestão, Trabalho e Políticas Educacionais - GETEPE (UFRN); Membro do Laboratório Marxista de Pesquisas e Estudos sobre Juventude e Trabalho - LAMPEJU (IFPB). e-mail: alexsoares1976@gmail.com.

1 PROJETO DE EXTENSÃO CINE ITINERANTE: LEITURA DO MUNDO POR MEIO DO CINEMA

O projeto de extensão Cine itinerante tem por objetivos promover a exibição/apresentação de filmes e/ou documentários seguido de diálogo problematizador sobre seu conteúdo nas comunidades, instituições sindicais, escolas, assentamentos, universidade com abordagem focada na cultura popular, na crise do trabalho e na problemática social contemporânea que afeta diretamente a vida humana, como forma de fomentar uma leitura de mundo crítica, transformadora e de emancipação dos grupos marginalizados pelas contradições do capital, as quais marcam a materialidade das relações sociais e dos dilemas vividos no plano da subjetividade, com o intuito de aproximar Universidade e comunidade, sendo possível viabilizar ações por meio do cinema. (PROJETO DE EXTENSÃO - CINE ITINERANTE..., 2010).

O referido projeto trata o cinema como arte crítica e síntese de diversas manifestações estéticas criadas pelo ser humano, assim como o define Alves (2010):

O cinema é a mais completa arte do século XX, capaz de ser a *síntese total* das mais diversas manifestações estéticas do homem. O cinema como *arte total* consegue apresentar a verdade dos conceitos e categorias das ciências sociais através de *situações humanas típicas* elaboradas por meio de uma série de *técnicas* de reprodução aprimoradas a partir de outras intervenções estéticas (literatura, pintura, arquitetura, urbanismo, música, etc). Ao fazê-lo, consegue demonstrar que a realidade sócio-histórica efetiva é maior e mais complexa que conceitos e categorias abstratas que procuram apreendê-la cientificamente (o que não significa que conceitos e categorias não sejam imprescindíveis para uma auto-consciência crítica por meio da arte total do cinema) (ALVES, 2010, p. 11, grifos do autor).

Adotando o conceito de cinema como "arte total", do ponto de vista metodológico a condução do Cine Itinerante é baseada em estudo sobre a película a ser exibida, em que participam o coordenador do projeto e colaboradores, juntamente com os bolsistas que irão mediar o diálogo problematizador com o público do espaço social em que o filme será exposto; exibição do filme; diálogo crítico com o público expectador ativo; síntese das discussões com destaque para as categorias mais relevantes da narrativa fílmica que despertam o interesse do público expectador ativo.

A abordagem metodológica segue alguns aspectos da metodologia da análise fílmica utilizada pela Rede de Estudos do Trabalho – RET e o Centro de Estudos do Trabalho e Ontologia do Ser Social – CETROS – que desenvolvem o projeto Tela Crítica e o Projeto Arte e Crítica Social, respectivamente, como síntese de uma pedagogia audiovisual numa perspectiva problematizadora e transformadora dos contextos e das subjetividades humanas.

[...] O pressuposto básico da proposta metodológica é o de que o filme é não só o reflexo verdadeiro do real, mas forma mediada da própria realidade, isto é, figura como uma forma de representação a totalidade das relações sociais, embora centrado em uma parte destas relações. Nesse sentido uma análise fílmica de viés crítico não é apenas uma crítica parcial e moral, mas uma experiência de análise que exige a apropriação de categorias sociológicas adequadas que emergem da própria obra fílmica. (SILVA, 2012, p. 96).

A condução da análise fílmica nos termos adotados pelo Cine Itinerante corresponde a uma interpretação do cinema como experiência crítico-problematizadora, compreendendo a obra de arte como reflexo estético da vida social em suas múltiplas determinações capaz de enriquecer a práxis singular do sujeito.

2 A MOSTRA CINE TRABALHO

Um dos momentos importantes do Cine Itinerante em 2012 foi a mostra Cine Trabalho que aconteceu durante o mês de maio. A escolha do tema foi influenciada pela celebração em primeiro de maio do Dia Internacional do Trabalhador. Em uma reunião entre o coordenador e os dois bolsistas do projeto Cine Itinerante foi feito um levantamento de um conjunto de filmes que abordavam a temática do trabalho, após o conhecimento das sinopses decidiu-se que seriam exibidos os seguintes filmes: **A Classe Operária vai ao Paraíso** (Elio Petri; 1978); **Missão Demissão** (Jean-Marc Moutout; 2004); **Ladrões de Bicicleta** (Vittorio De Sica; 1948) e **Pão e Rosas** (Ken Loach; 2000).

Devido a questões operacionais relacionadas ao espaço adequado para projeção, em virtude do horário das exibições ser no turno da tarde o que inviabilizava a exibição no auditório pelo excesso de claridade, foi necessário a

realização de inscrições dos participantes com vagas limitadas a um número de 30 pessoas, capacidade que a sala preparada no espaço físico da FACEDI/UECE comportava.

Na primeira exibição da mostra esteve em cena a película dirigida por Elio Petri, *A Classe Operária Vai ao Paraíso*, que apresenta a vida de Lulu Massa, em um primeiro momento, o típico operário padrão que desperta a ira dos colegas, devido a sua alta produtividade e utilizado pela gerência da fábrica como exemplo a ser seguido pelos demais trabalhadores.

Em um segundo momento, posterior a um acidente de trabalho, a luta sindical e suas contradições experimentadas por Lulu, que se rebela contra a fábrica e se aproxima de líderes estudantis radicais. A partir de então, o processo de engajamento político nos embates de classe é acompanhado de conflitos familiares e questionamentos sobre a vida de operário.

Esses aspectos contraditórios movidos pela subserviência aos mecanismos de exploração do trabalho fabril e depois do envolvimento político na luta contra o estranhamento do processo de trabalho, em determinada ponto da narrativa fílmica são expressos na fala do personagem Lulu Massa em sua definição de si mesmo, nos seguintes termos:

Eu sou uma máquina, eu sou uma roldana, eu sou uma rosca, eu sou um parafuso, eu sou uma correia de transmissão, eu sou uma bomba, aliás a bomba está estragada, não funciona mais, e agora não pode ser mais reparada (A CLASSE OPERÁRIA VAI AO PARAÍSO, 1978).

Nesse momento, é possível denotar como o homem, de tanto conviver com a máquina, acaba se definindo como uma, não se identificando mais como sujeito criativo com capacidade de controlá-la, mas, ao contrário, torna-se por ela controlado, em um movimento de estranhamento da essência humano-genérica.

Na narrativa fílmica em tela, a alienação do trabalho no capitalismo é exposta de maneira brilhante na conversa de Lulu Massa e Militina, onde este, em sua "loucura adquirida após anos de trabalho na fábrica", lembra-se do questionamento que fazia sobre a utilidade das peças que produziam. O personagem é a principal referência na utopia que dá nome ao filme: o muro que precisa ser derrubado, dando acesso ao paraíso para todos os operários. Na

verdade, o muro são as péssimas condições em que trabalham e que precisam ser revistas, melhorando a vida do trabalhador.

Os operários iniciam a jornada de trabalho ao som de um alto-falante, que busca incentivá-los ao bom desempenho da atividade fabril, alertando para que cuidem da manutenção da máquina, e mais que isso, no mais puro exemplo de fetichismo entre homem e máquina, pede aos trabalhadores que tratem-na com amor, o que não é seguido pelos mais politizados, que chegam a cuspir na máquina em sinal de desabafo e de reprovação ao que os patrões tentam passar, expressa pela seguinte “adição matemática”: **máquina + atenção = produção**. Alves (2012, p. 21) exemplifica de maneira clara essa alienação, ou seja, “o trabalho estranhado aliena o homem de seu ser genérico, isto é, mortifica seu corpo e arruína seu espírito. Este é o estado de proletariedade que se dissemina no mundo do trabalho como universo do capital”.

Petri traz dois importantes eixos explicativos em seu filme: primeiro, a produção de mais-valia relativa, incrementando o modo de produção por meio da inovação para conseguir um maior acúmulo de capital; a desvalorização da força de trabalho como mercadoria, a degradação do trabalho vivo (saúde do trabalhador) e a resistência contingente e necessária do proletariado. Segundo eixo, o capital consome o trabalho vivo (trabalhador) e o trabalho estranhado consome a vida. Esses dois eixos explicativos da estrutura narrativa do filme constituem os traços essenciais do que seria a precarização (e precariedade) do trabalho no capitalismo global.

A segunda exibição da mostra foi pautada pelo filme *Missão Demissão*, de Jean-Marc Moutout. Philippe, o protagonista do filme, 25 anos, é um executivo chegado do interior para trabalhar em Paris, em uma grande empresa de consultoria empresarial. Em sua primeira manhã no emprego, conhece Eva, jovem mãe solteira por quem sente-se atraído. Sua primeira tarefa na empresa é preparar a compra de uma fábrica por um grupo financeiro, compra esta confidencial, a que Philippe se entrega com entusiasmo. Seus relatórios são convincentes, fato que o leva a ganhar a confiança do chefe.

Por sua competência e ambição de crescer como executivo dentro da empresa, Philippe recebe como missão a difícil responsabilidade de selecionar os que irão trabalhar na nova organização da empresa. Prática comum nas empresas contemporâneas que necessitam se modernizar para tornarem-se competitivas

diante das exigências do mercado global. Flexibilidade, agilidade na prestação dos serviços e aumento da quantidade de mais-valia relativa, lógica que desestrutura a organização do trabalho taylorista/fordista causando a redução da quantidade de trabalhadores braçais. A partir daí, Philippe deve se convencer e convencer a Eva da necessidade da sua missão, além de encarar os homens e mulheres os quais serão por ele exonerados.

Com *Missão Demissão*, o cineasta Jean-Marc Moutout levanta reflexões sobre a política e a ética do trabalho, o esforço diário dos empregados, o que é certo e o que é errado, o que é justo e o que é injusto. Seguindo esse paralelismo o filme aborda, ainda, a pressão do dia-a-dia no escritório e as poucas horas reservadas ao lazer de um trabalhador estimulado pela competitividade do mercado e pelo individualismo.

Como penúltimo filme da mostra foi exibido a película *Ladrões de Bicicleta*, de Vittorio De Sica. Esta narrativa fílmica conta a história de Antonio Ricci, trabalhador de origem humilde que enfrenta o drama do desemprego em uma Itália em crise no pós-guerra.

Diante de uma possibilidade de emprego Ricci precisa de uma bicicleta para ser admitido no novo trabalho como colador de cartazes. Com enorme sacrifício consegue recuperar a sua bicicleta, que estava penhorada. No entanto, para seu desespero ela é roubada no primeiro dia de trabalho. Juntamente com seu filho Bruno, Ricci a procura pela cidade. Como não consegue encontrá-la, ele resolve cometer o mesmo crime. Com a necessidade de continuar a trabalhar e fazê-lo para sustentar a família e para que Bruno não o veja “roubando” a bicicleta, ele o faz de maneira desastrosa, não obtendo sucesso. Com esse enredo *Ladrões de Bicicleta* é um dos grandes clássicos do cinema mundial, pois resgata personagens comuns vividos por atores não profissionais, vivendo situações cotidianas.

O roubo da bicicleta é um “empurrão” para o desenrolar do filme, a busca incansável de Ricci, seu filho e amigos para a recuperação do objeto não só de trabalho, mas de esperança de vida melhor para a família.

O desespero do protagonista proletário o conduz à atos irracionais, que iriam culminar, mais adiante na tentativa de furtar uma bicicleta. Ricci está diante do espectro da exclusão social. Naquele momento, Ricci está alienado dos ideais de justiça. Talvez seja sintoma de seu desespero pessoal. É sua barbárie interior que decorre desta aguda proletarização. Ele perdeu seu instrumento de trabalho e seu emprego. Ele perdeu o que tinha -

não apenas a bicicleta, mas expectativa de uma vida digna (ALVES, 2008, p. 103).

O filme mostra o drama da classe trabalhadora em um contexto de desemprego estrutural e as marcas perfurantes deste último sobre a subjetividade do trabalhador, bem como a tentativa da efetivação da justiça social pela via da individualidade e não por meio da luta de classes fundada na coletividade.

A última película exibida na mostra foi o filme *Pão e Rosas*, do cineasta Ken Loach. A narrativa pauta-se na história da jovem mexicana Maya. Motivada pelo sonho de vencer na América, deixa para trás seu país para encontrar-se com sua irmã Rosa – faxineira em um prédio comercial de Los Angeles. Conseguindo um trabalho na mesma empresa da irmã, as duas fazem parte de uma legião de estrangeiros que são explorados pelos patrões e ignorados pela sociedade. Quando conhece o americano Sam, um apaixonado ativista sindical que tenta desfazer a exploração sofrida pelos estrangeiros e permitir-lhes dignidade, Maya adquire consciência de classe e se engaja em uma combativa campanha em defesa dos direitos trabalhistas.

Os patrões, por seu lado, reagem aos embates ao defender os interesses da classe burguesa no cultivo do medo de extradição que impera entre os estrangeiros ilegais. *Pão e Rosas* conta a história da comunidade mais marginalizada dentre todas as outras de Los Angeles e sua ousadia de enfrentar o patronato em totais condições de inferioridade.

Com a exibição desses filmes buscou-se apresentar para o grupo de expectadores ativos, as contradições da lógica do capital e seus impactos na vida do trabalhador, bem como o drama enfrentado pela classe trabalhadora no seu cotidiano ao se submeter a tal lógica ou rebelando-se contra esta.

Com o intuito de promover uma formação crítica, as películas exibidas tinham como foco principal despertar a consciência do sujeito expectador por meio do diálogo problematizador sobre as mazelas que o capital imprime ao trabalhador.

Com base na intencionalidade da ação crítico-formativa representada pela mostra Cine Trabalho surgiu a necessidade de compreender o seu alcance junto ao público expectador ativo, ou seja, se seus objetivos tinham logrado êxito. As opiniões coletadas dos sujeitos participantes, por meio de questionários se tornaram importante fonte de consulta nessa compreensão, já que a partir destas foi possível

compô-lo, articuladas com as observações feitas nos debates posterior a exibição de cada filme.

3 A MOSTRA CINE TRABALHO NA PERSPECTIVA DO PÚBLICO EXPECTADOR ATIVO

Na mostra Cine Trabalho a totalidade dos expectadores ativos eram estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia, nesse sentido discorreremos aqui sobre suas contribuições para formação crítica do pedagogo em processo de formação na FACEDI.

Para entendermos como esse processo se deu faz-se mister abordarmos o significado da obra de arte como práxis. Para Macário (2012), a obra de arte afeta a práxis de outros homens, potencializando ou esmaecendo determinados traços, valores e ideias destes. A fruição estética é um caminho privilegiado que conduz o indivíduo a reavaliar sua visão e, por consequência, sua atitude em face dos dilemas pessoais e dos problemas sociais.

Com a leitura crítica do filme como arte é possível se deparar com alguns valores próprios e mudá-los à medida que se entra em contato com os dos outros. A respeito do aprendizado adquirido na mostra Cine Trabalho, os participantes assim se expressaram:

Vejo como um aprendizado importante a todos, extremamente necessário nesse mundo capitalista, para que não sejamos mais um explorado e sim um libertador (Sujeito A, 6º Período).

A partir dos filmes, eu pude compreender melhor o tema do trabalho e a luta dos trabalhadores por melhores condições de trabalho me fazendo ficar mais consciente em relação ao tema trabalho (Sujeito B, 7º Período).

Um aprendizado excelente, pois foi abordado um tema muito importante e acredito que teve uma grande contribuição o aprendizado dos alunos e uma visão crítica que o Cine Itinerante proporcionou através dos filmes (Sujeito C, 5º Período).

O filme permite uma leitura visual de contextos sociais diferentes, mas com um mesmo foco, o Trabalho. Através do filme, a aprendizagem se dá de modo mais eficaz, pois o método audiovisual atrai nossos sentidos de forma aguçada (Sujeito D, 6º Período).

Por ser necessária uma discussão antes e depois da exibição fílmica, antes sempre fazíamos uma breve discussão da sinopse do filme para proporcioná-los um primeiro contato com a obra que ia ser exibida. Sobre essa dinâmica, alguns dos sujeitos envolvidos expõem que:

A sinopse é muito interessante já que representa um primeiro contato com o filme, e a discussão é sempre uma maneira de uma crítica mais a fundo (Sujeito A, 6º Período).

As sinopses permitiram uma melhor compreensão dos filmes, pois alguns fatos só foram possíveis serem vistos com o resumo dos mesmos (Sujeito B, 7º Período).

A sinopse do filme nos deu uma breve compreensão do que o filme se tratava, ou seja, ninguém ficou boiando durante o filme e com a discussão só foi reforçado o ponto de vista de cada aluno (Sujeito C, 5º Período).

Outra das categorias abordadas no questionário correspondia a importância do cinema na formação crítica do sujeito, ou seja, que impacto os filmes causam na formação. Em suas respostas parte do grupo mencionou:

[...] contribuiu muito na minha formação crítica para não se deixar ser alienada pelo mundo capitalista, onde a classe trabalhadora é sempre explorada e se deixam levar pelo “papo” dos patrões e o filme nos proporcionou essa visão crítica, de não concordar com tudo [...] (Sujeito C, 5º Período).

Apreendi que as conquistas dos trabalhadores em toda sua história só foram possíveis através de lutas ferrenhas: Classe Operária X Classe Proprietária, ou seja, os explorados lutando por melhores condições de vida “batendo de frente” com seus exploradores (Sujeito D, 6º Período).

Nesse ponto, os sujeitos foram unânimes ao afirmar que o filme contribui de forma significativa para a formação crítica do estudante de Pedagogia, muito embora estes quase nunca tenham uma aproximação maior com o cinema crítico, pois o tipo de obra fílmica que se apresenta em seu cotidiano são gêneros permeados de fatores *hollywoodianos* que afasta a parte crítica da obra fílmica.

Enquanto para nós, observadores da prática de formação crítica, os filmes devem oferecer uma apreciação completa da obra não só como entretenimento, como supõem os filmes *hollywoodianos*, para estes, o que importa é a colocação da situação com foco no entretenimento. Alves (2010, p. 49) salienta que não “basta se entreter com a imagem-movimento, mas desfetichizá-la, extrair o nódulo racional daquela ganga mística que enfeitiça e manipula”.

A obra fílmica possui um valor evocativo (projeção subjetiva das individualidades pessoais nas representações concretas de dramas humanos, derivando do sentido da arte como reflexo estético da vida social) e um valor documental (retrato de uma época e fonte de informação básica para se conhecer o que significa que é representação ideológica), sendo que o valor evocativo da arte se sobrepõe ao documental.

Para Alves (2010, p. 19), pode-se considerar “o cinema fantástico como uma forma estética do reflexo do mundo social fetichizado do capital em sua dimensão tardia. Na verdade, não é a obra de arte que é mistificada, mas sim, o mundo que ela representa.”

Com a realização da mostra Cine Trabalho demos um primeiro passo para a perspectiva crítica de um grupo sobre o "mundo do capital", o qual

[...] subsumido á logica do trabalho assalariado, torna-se impossível uma vida plena de sentido, haja vista o fato de que o homem passa a fazer do trabalho assalariado tão – somente meio de subsistência voltado para a fruição do consumo alienado, invertendo, deste modo, a relação que teria com o trabalho como atividade produtiva (ALVES, 2012, p. 21).

O exercício da fruição estética permitiu ao grupo um olhar crítico e consciente sobre a "fruição do consumo alienado" como algo prejudicial para a vida da classe trabalhadora, pois a torna estranha relação ao que cria, ao processo de criação e a si mesma.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da presente análise que articula cinema e educação, no âmbito das ações extensionistas da FACEDI/UECE, nos conduziu para a percepção estético-crítica do quanto é importante compreender a obra fílmica com um olhar mais direcionado, mais crítico. Santos e Silva (2012, p. 77) exemplificam bem esta utilização do filme como canalizador da formação estético-crítica:

Ensinar a linguagem cinematográfica e os elementos que compõem a obra fílmica, conjugados com uma perspectiva crítica que vê o filme não só como entretenimento, mas também como obra estética permeada de sentido social, político e ideológico, parece ser uma das mais importantes estratégias ligadas à relação cinema-educação no espaço escolar, ou seja,

propicia uma perspectiva mais filosófica do que contemplativa e permite maior fruição estética do filme, forma o espectador crítico capaz de perceber os nexos do real, presentes, na obra fílmica, rompendo com a deseducação do olhar e com a banalização da imagem, geralmente presa aos filmes mais comerciais e dependente de uma forma televisiva do filme.

Os resultados da análise indicam que a mostra Cine Trabalho contribuiu para desenvolver nos participantes uma nova visão de mundo, sendo que estes expressam uma perspectiva crítica sobre as relações de trabalho no mundo do capital após a experiência da mostra que os colocou frente a frente com conteúdos cinematográficos que descortinam as contradições do capital e da luta de classes, até então desconhecido desse público.

Por outro lado, a metodologia adotada converte-se em uma espécie de catarse para a reflexão sobre as categorias presentes na narrativa fílmica. Isso fica demonstrado nas opiniões sobre a apresentação da Sinopse antes de iniciar a exibição do filme, procedimento pedagógico que prepara o espírito do espectador para o desenvolvimento da narrativa fílmica.

Nesse sentido, consideramos que o filme não deve ser observado apenas como representação ideológica ou projeção subjetiva, mas como reflexo estético da vida social que oportuniza a inserção dos sujeitos na compreensão crítica da sociedade.

5 REFERÊNCIAS

A CLASSE operária vai ao paraíso. Direção: Elio Petri. Produção: Hugo Tucci. [S.l]: Studio Europe Film, 1971. 1DVD (121 min).

ALVES, Giovanni. A formação humana na arte realista. In: SANTOS, José Alex Soares; SILVA, Antônio Valricélio Linhares da; LUSTOSA, Francisca Geny (Orgs.). **Cinema e teatro como experiências inovadoras e formativas na educação**. Fortaleza, EdUECE, 2012. p. 19-23.

_____. **Tela crítica: a metodologia**. Londrina: Práxis; Buaru: Canal 06, 2010.

_____. **Trabalho e cinema: o mundo do trabalho através do cinema**. Londrina: Práxis; Buaru: Canal 06, 2008. v. 2.

MACÁRIO, Epitácio. Práxis, ciência e arte: notas teóricas. In: SANTOS, José Alex Soares; SILVA, Antônio Valricélio Linhares da; LUSTOSA, Francisca Geny. (Orgs.).

Cinema e teatro como experiências inovadoras e formativas na educação. Fortaleza. EdUECE, 2012. p. 27-40.

PROJETO DE EXTENSÃO CINE ITINERANTE - LEITURA DE MUNDO POR MEIO DO CINEMA. Itapipoca: LUTEMOS/FACEDI/UECE, 2010. mimeo.

SANTOS, José Alex Soares; SILVA, Antônio Valricélio Linhares da. A Sétima Arte como formação estético-pedagógica: experiência inovadora no âmbito do **Projetos Novos Talentos**. In: SANTOS, José Alex Soares; SILVA, Antônio Valricélio Linhares da; LUSTOSA, Francisca Geny. (Orgs.). **Cinema e teatro como experiências inovadoras e formativas na educação**. Fortaleza. EdUECE, 2012. p. 69-78.

SILVA, Antônio Valricélio Linhares da. Assalto ao Banco Central: grana suja para comprar destinos. In: In: SANTOS, José Alex Soares; SILVA, Antônio Valricélio Linhares da; LUSTOSA, Francisca Geny. (Orgs.). **Cinema e teatro como experiências inovadoras e formativas na educação**. Fortaleza. EdUECE, 2012. p. 95-104.